

O CULTO DA PERFORMANCE COMO UMA PRÁTICA NEOLIBERAL

REFLEXÕES A PARTIR DA PSICANÁLISE

Vitória Zago Borges

PERFORMANCE CULTURE AS A NEOLIBERAL PRACTICE: a psychoanalytic perspective

LA CULTURA DEL RENDIMIENTO COMO PRÁCTICA NEOLIBERAL: una perspectiva psicoanalítica

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de investigar o culto da performance como uma prática neoliberal e sua relação com o sofrimento psíquico, a partir da teoria psicanalítica. Verificou-se que discursos neoliberais atuais estão intimamente ligados com a construção de um modelo inalcançável do ideal do eu, causando sofrimento psíquico e individualizando a noção de fracasso profissional e pessoal. Portanto, concluiu-se que o neoliberalismo funciona não apenas como um sistema político, mas também psicológico.

Palavras-chave: Culto da performance; Neoliberalismo; Psicanálise.

ABSTRACT

This research project aims to investigate the performance culture as a neoliberal practice and its relationship with psychic suffering, based on psychoanalytic theory. It was found that current neoliberal discourses are closely linked with the construction of an unattainable model of the ideal of the self, causing psychic suffering and individualizing the notion of professional and personal failure. Therefore, it was concluded that neoliberalism works not only as a political system, but also as a psychological one.

Key words: Performance Culture; Neoliberalism; Psychoanalysis.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo investigar la cultura del rendimiento como una práctica neoliberal y su relación con el sufrimiento psíquico, a partir de la teoría psicoanalítica. Se verificó que los discursos neoliberales actuales están íntimamente ligados a la construcción de un modelo inalcanzable del ideal del yo, causando sufrimiento psíquico e individualizando la noción de fracaso profesional y personal. Por lo tanto, se concluyó que el neoliberalismo funciona no solo como un sistema político, sino también psicológico.

Palabras clave: Cultura del rendimiento; Neoliberalismo; Psicoanálisis.

O Culto da Performance

O presente estudo visa identificar, principalmente, a relação entre o culto à performance e o adoecimento psíquico e social, utilizando recursos teóricos psicanalíticos. Alain Ehrenberg foi o pioneiro a estudar o culto à performance, em seu livro “O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa”, em 1991. Posteriormente, diversos teóricos que analisam o adoecimento social passaram a citar a cultura performática como uma das práticas neoliberais que tem por funcionamento, mesmo que indiretamente, promover o adoecimento, como, por exemplo Dunker, Safatle e Júnior (2021) em seu livro “Neoliberalismo e gestão do sofrimento psíquico”, em que defende a tese de que o sofrimento psíquico é uma consequência lógica tolerada e admitida dentro do sistema neoliberal, e que, portanto, esse modelo filosófico e político funciona não apenas como um sistema político, mas também psicológico. Assim, a partir da ideia de estado mínimo, cria-se uma nova relação de sujeito e trabalho, flexibilizando excessivamente as normas e tendo por consequência trabalhos precarizados, sem proteções e regulações.

Em seguida, nos trabalhos de Rocha (2018), nota-se que após a Segunda Guerra Mundial, diminui-se a identificação do sujeito para com seu estado, e, posteriormente, nos anos oitenta, com a queda do muro de Berlim e com a intensificação de políticas neoliberais, promoveu-se a ideia de que, agora, os sujeitos não queriam que suas vidas fossem determinadas por ações externas.

A partir disso, desenvolveu-se uma cultura que apoia-se, principalmente, na noção de que o sujeito é dono e chefe de si, o que resulta em uma hiper individualização e alto senso de competitividade. Nesse sentido, Ehrenberg (1991) compara a cultura empreendedora com a cultura esportista, em que, assim como no esporte, o sujeito é visto como um herói, corajoso por conseguir “vencer” e se manter nessa posição.

Com isso, torna-se importante trazer alguns dados estatísticos, como, por exemplo, o aumento de diagnósticos de depressão e ansiedade. Segundo a Organização Mundial de Saúde [OMS] (2017), estima-se que 280 milhões de pessoas sofram de depressão no mundo, tendo um aumento de 18% entre 2005 e 2015. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2020), houve um aumento de 34,2% em sete anos (2013 para 2020). Observa-se, também que, segundo uma pesquisa realizada pela *International Stress Management Association* [Isma-BR] (2018), calcula-se que 32% dos trabalhadores brasileiros

sofrem da Síndrome de Burnout, sendo uma síndrome consequente do estresse excessivo relacionado ao trabalho.

Além disso, nota-se casos de ideação suicida e distúrbios fisiológicos causados pelo trabalho. Exemplificando, uma pesquisa realizada por Maciel *et al.* (2006) concluiu que 4,37% dos bancários estudados (população aproximada de 425.000 trabalhadores, em 2006) apresentavam quadro de ideação suicida, constatando, ainda, alta taxa de indivíduos com problemas de nervosismo, tensão e preocupação (60,72%), transtornos de sono (42,14%), dor crônica de cabeça (37,37%), sensações desagradáveis no estômago (33,4%), dentre outras. Além disso, 39% dos entrevistados relataram vivências constrangedoras no trabalho relacionadas principalmente com a chefia (excesso de trabalho, autoritarismo e foco exagerado na produção).

Diversos teóricos vêm estudando sobre o sofrimento social, como, por exemplo, Byung-Chul Han (2010), que, em seu livro “Sociedade do Cansaço”, aponta que Foucault nomeou o século XXI como a “sociedade do desempenho”, em que “ganha” aquele que apresentar a melhor *performance*. Assim, a partir da ideia de que o neoliberalismo molda a subjetividade (Candiotto, 2011), entende-se que a lógica das relações inter e intrapessoais se fundamentam a partir da alta competitividade entre si, gerando uma hiper individualização dos sujeitos e a negação do sofrimento. Dessa forma, Byung-Chul Han (2017) cita que o sujeito torna-se alienado a partir do seu culto de performance, pois tende a produzir excessivamente e isolar-se do outro, tornando ele uma prisão de si mesmo. Sendo assim, o sujeito busca uma performance ideal, porém, inalcançável, causando sentimentos de incapacidade e inferioridade por não conseguir “suceder” (Ferraz, 2014).

Superego e Psicanálise

Freud (1929), em “O mal-estar na civilização”, discutiu sobre as causas do mal-estar individual a partir das inibições causadas pela cultura, explicando que o funcionamento do aparelho psíquico é determinado pelo inconsciente, pelo ego e pelo superego. Como mencionado, o inconsciente refere-se aos desejos e sentimentos mais primitivos, assim, o ego atua como o “filtro” da mente inconsciente, que, de acordo com as normas sociais, sanciona o conteúdo inconsciente. E, por fim, o superego, que surge como exemplo da inserção de valores morais adquiridos na infância. Dessa forma, quando o sujeito não age apropriadamente de

acordo com seu sistema de crenças, ele se resguarda pela culpa. Assim, Freud concluiu que a angústia ocorre quando há uma discrepância entre o que o sujeito deseja e o que está nas convenções sociais. Consequentemente, conclui-se que o sujeito é o produtor da sociedade na medida em que a sociedade produz o sujeito, ou seja, seu desenvolvimento psíquico está diretamente relacionado à cultura.

A respeito do surgimento do ego, Freud discorre sobre o narcisismo primário. Após a etapa autoerótica, em que a criança concentra sua libido em si mesma, produzindo sensações de auto prazer, geradas de si, para si, a fim de conhecer e satisfazer seu próprio corpo, Freud apresenta em sua sequência o narcisismo primário, momento em que todo o seu investimento libidinal será dirigido não apenas ao seu corpo, mas ao seu nascente Eu (Araújo, 2010). Em seguida, a partir das exigências naturais do mundo externo, a criança percebe que não é tudo para aquele que exerce sua função materna e que o estado de satisfação absoluta que almeja não existe, o que acaba por abalar seu narcisismo primário. Dessa forma, a criança passa a ter por objetivo fazer-se amar pelo outro, a fim de reconquistar o amor perdido, criando, portanto, o ideal do ego, sendo um modelo idealizado de si, se colocando como um objeto amável (Araújo, 2010).

Assim, surge o conceito de superego, em que Freud elaborou através de suas observações clínicas, onde percebia que os pacientes sentiam-se constantemente censurados, observados e criticados (Laender, 2005). Como citado acima, o ideal do ego é colocado como um estado de perfeição absoluta e de bem-estar ilimitado. Portanto, quando a criança amadurece e supera o narcisismo primário, acaba por tentar resgatá-lo a todo instante na forma de seu ideal do eu em seu narcisismo secundário, o que gera um mecanismo de auto-observação e auto-avaliação constante do ego. Assim, o agente psíquico aumenta a exigência do ego, a fim de encontrar o que ele mesmo traçou como ideal. É como se existisse uma terceira voz na consciência do sujeito, afirmando o que ele deve ou não deve fazer, e, para isso, Freud exemplifica tanto a partir das figuras educativas (cuidadores, professores) quanto pela própria cultura (instituições religiosas, legislação) (Laender, 2005)

Assim, entende-se que o superego é, portanto, uma consciência moral e autocrítica inconsciente, que acaba por produzir efeitos importantes, como, por exemplo, frear a satisfação do desejo, tendo por função a vigilância e o julgamento dos atos e intenções do ego, exercendo uma atividade de censura. Dessa maneira, ele age conforme a pulsão de morte através da sua hiper-moralidade que leva a crueldade. E, cabe mencionar que o sujeito não precisa

realizar, de fato, uma ação que vá contra seu sistema de valores, mas, basta ele sentir/pensar/desejar algo que não seja “certo” que será suficiente para promover o sentimento de culpa (Correa; Silva, 2015).

Tendo conhecimento dos conceitos de ideal de eu e superego, torna-se possível compreender o imperativo superegóico, o qual funciona como uma lei que opera no funcionamento do sujeito. O Eu obedece ao Superego como obedecia aos seus cuidadores, como forma de um imperativo compulsivo e coercitivo. Assim, quando surgem certas discrepâncias entre a censura moral do Superego e o desempenho do Eu, surge o sentimento de culpa (Correa; Silva, 2015). O imperativo superegóico, portanto, apropria-se do ideal constituído e da imposição do superego, elaborando um caráter autoritário, que impõe e ordena o que, supostamente, deve ser feito.

Imperativo Superegóico e Neoliberalismo

Seguindo a lógica de que o neoliberalismo funciona não apenas como um sistema político, mas também psicológico, torna-se importante comentar sobre o imperativo superegóico, sendo pensado como uma possível estratégia do discurso neoliberal em que faz com que o sujeito passe a pensar e sentir que deve, de fato, fazer muito mais do que o necessário, pois isso reflete na sua “performance”, ou seja, irá ditar se “sucedeu” ou “fracassou”.

Dentro disso, pode-se pensar em exemplos como livros de autoajuda compondo o topo do *Best Sellers* do Brasil, de 2022, sendo, na grande maioria, temas que tem por objetivo individualizar a responsabilidade do rendimento e do sucesso, como, por exemplo “*O poder da auto responsabilidade: A ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo*” e “*O cérebro com foco e disciplina: Transforme seu cotidiano com mais produtividade e desenvolva o autocontrole para resultados extraordinários*”. Além disso, se torna cada vez mais comum observar discursos de milionários que tendem a “ensinar como chegaram lá”, um exemplo disso é o livro publicado por Donald Trump, empresário e ex-presidente dos Estados Unidos, o qual tem por título “*Pense como um bilionário: Tudo o que você precisa saber sobre sucesso, negócios e prosperidade*”, em que promete entregar como funciona a mente de um milionário: “como pensar em dinheiro, habilidades profissionais e na felicidade da vida”.

Nesse sentido, é possível pensar no conceito de “ideal do eu” trabalhado por Freud (1914), em que, durante o desenvolvimento psíquico, o sujeito acaba moldando seu ideal, sendo uma fantasia sua que irá, supostamente, garantir a satisfação absoluta. A partir disso, Rodrigues (et al) (2020) realizou um estudo sobre o ideal do Eu dentro da cultura neoliberal, em que uma “sociedade do desempenho” faz com que o sujeito não questione o sistema quando não consegue atingir o ideal proposto, e sim, culpabiliza a própria competência, individualizando uma responsabilidade que é, na verdade, social. Dessa forma, o ideal é colocado pela performatização daquele que produz mais, tem mais, ganha mais. Assim, o sujeito que deseja alcançar a satisfação absoluta da infância, acaba por desenvolver seu próprio ideal a partir do ideal projetado na cultura, tornando uma dinâmica entre ideal do Eu e ideal social. Dessa forma, percebe-se que a imagem dos grandes empresários está intimamente ligada com a imagem de um ideal social.

Porém, a problemática percebida é a de que esse ideal é inalcançável, conforme explica Rodrigues *et al* (2020). Esse discurso elabora falsas promessas, relativizando e individualizando a responsabilidade do sucesso, fazendo com que o indivíduo nunca questione o sistema, mas sim, a si mesmo. Além disso, acaba por produzir a ideia de que todos estão “competindo” dentro das mesmas circunstâncias, o que não condiz com as estatísticas. Conforme um estudo publicado no veículo “Folha de São Paulo”, em 2022, filhos de famílias pobres têm apenas 2,5% de chance de chegar no “topo” do Brasil. Ainda, metade dos filhos de pais que estão entre os 20% dos mais pobres do país permanece nesse grupo de renda, enquanto que metade dos filhos dos 20% mais ricos, continuam no topo. Isso, portanto, demonstra que a “teoria da permanência” se comprova, em que os ricos permanecem ricos, e os pobres permanecem pobres.

Dentro disso, Rodrigues (2020) fala sobre como a sociedade está vivendo um trauma social, em que a angústia não é simbolizada porque todos os erros do sistema são vistos como erros individuais, de forma que as pessoas não conseguem conhecer o seu próprio desejo, uma vez que o ideal do desejo já se tornou normativo: viver para trabalhar.

Isso é, portanto, observado ao analisar a cultura empreendedora dentro do Brasil, em que, segundo o Instituto Cidades Sustentáveis, em 2022, quase metade dos brasileiros precisam realizar “bicos” para complementarem suas rendas, visto que não conseguem se sustentar apenas com seus empregos. Por “bicos” entende-se ser motorista de aplicativo,

realizar entregas de comida por aplicativo, fazer taxas em restaurantes e bares, vender roupas e trabalhos manuais, entre outros trabalhos sem vínculo empregatício.

Dessa forma, esse tipo de trabalho informal acaba por priorizar a competição, visto que quem “fizer mais, ganha mais” e “tempo é dinheiro”. Assim, isso revela como a noção de competição e necessidade de uma alta performance está moldando não apenas a maneira de trabalhar, mas também de viver. E, assim, como cita Ehrenberg (1991), essa mudança de paradigma que reforça comportamentos “empreendedores” gera diversas consequências, tanto no espaço político-social, quanto no espaço psíquico, como o que é chamado de “depressão nervosa” pelo autor.

Retomando o conceito de imperativo superegóico, Freud (1929) explica que, “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”, ou seja, para manter o amor de quem cuidou do desamparo inicial é necessário se submeter às leis socialmente aceitas e transmitidas. Por “desamparo inicial” entende-se o primeiro momento de fome do bebê, em que ele chora, procurando alguém para cuidar dessa primeira sensação de desprazer. Isso, portanto, deixaria uma marca no inconsciente de todos os seres humanos, e, a partir disso, busca-se saciar constantemente qualquer sensação desprazerosa. Dessa forma, o critério que determina o que o sujeito entenderá por certo e errado é o que foi transmitido para ele como um suposto ideal, a fim de evitar qualquer perda de satisfação e prazer. Assim, pode-se pensar no ideal social moldando a moralidade do superego, em que dita-se como devemos agir, pensar, sentir, baseando-se em uma falsa promessa de “sucesso”, “felicidade” e “prazer”.

Devemos retomar que Kant preconizava, buscando refletir sobre a moralidade, que o imperativo categórico é uma ordem absoluta que exige obediência e manda realizar a ação sem fazer referência aos objetivos e aos meios para obtê-los. É um mandamento formal e sem conteúdo específico, que deve ser obedecido sem discussão ou questionamento.

Porém, ainda que seja desvinculado de conteúdo, a sua estrutura formal de mandamento assume diferentes conteúdos de acordo com seu contexto histórico, como, por exemplo, a diferença entre o imperativo superegóico produzido na sociedade disciplinar e na sociedade do desempenho. No primeiro modelo citado, constitui-se um imperativo baseado na negatividade, imposição, coerção, obediência e proibição, é uma sociedade baseada no “não poder”. Pode-se pensar na teoria freudiana como um indicativo de que o imperativo do recorte sócio-histórico do final do século XIX era baseado na repressão, tendo como paradigma principal a histeria, moldada pela impossibilidade da satisfação. Assim, como explica Ávila e

Terra (2010) nota-se que historiadores colocam a histeria como uma síndrome cultural, resultante da repressão sexual feminina, portanto, o seu declínio no século XX corresponde a uma possível superação dessas condições.

Já na sociedade do desempenho, introduz-se uma noção de “poder”, liberdade, positividade -excessiva-, sensação de ser “dono de si” e, portanto, desvinculado dos outros. Assim, percebe-se que o mandamento não é mais o de repressão, pelo contrário, cria-se um imperativo da felicidade: a alta performance garante uma promessa de “felicidade absoluta”. Com isso, todo sofrimento deve ser abolido, a insatisfação gera culpa, o sujeito é incapaz por não “aproveitar como deveria”: não basta ser feliz, deve-se maximizar todo o prazer, a todo momento (Wendling; Coelho, 2016).

Assim, compreende-se que o imperativo superegóico, dentro da lógica do discurso neoliberal, torna-se uma forçagem a uma satisfação absoluta, logo, impossível. Estudando esse conceito na realidade contemporânea, torna-se possível compará-lo com o discurso *coach*. Por “coach” entende-se um profissional que ajuda uma pessoa ou grupo para atingir um determinado objetivo, através de conselhos, orientações e treinamento. Além disso, por não ser uma profissão regulamentada no Brasil, esse profissional não necessita ter um diploma/formação específica. Existem diversos tipos de coach, sendo aqueles que atuam no âmbito institucional, como no caso do coach empresarial, quanto aqueles que trabalham no contexto pessoal. O Instituto Brasileiro de Coaching, tem uma matéria, assim como cursos, voltados ao “Coach de Performance”. Segundo eles, basta o sujeito ter persistência, foco e determinação para melhorar seu rendimento profissional e pessoal:

“Esse é um processo que demanda do coachee empenho e dedicação para passar por uma transformação verdadeira. **O indivíduo precisa se esforçar** para sair da zona de conforto para poder chegar à situação desejada. [...] **A alta performance significa ultrapassar os seus limites**, vencendo todas as barreiras existentes. Refere-se ao estado de equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Esses três elementos devem estar devidamente alinhados com os objetivos. [...] O Coaching compreende que toda deficiência ou falha (ponto A) oferece uma oportunidade de aprendizagem (ponto B). **Reconhecer as falhas** (auto aceitação) é o primeiro passo para mudar. Normalmente, **as pessoas têm dificuldades para admitir que têm problemas e isso as impede de dar o primeiro passo rumo a uma mudança concreta.**”
(Instituto Brasileiro de Coach, 2022)

Nesse trecho retirado do site oficial da maior representação do coachismo, o Instituto de Coach do Brasil, nota-se palavras e frases que responsabilizam o sujeito pela sua “baixa performance”, sem ter um olhar crítico a respeito do contexto cultural e social que esse sujeito está inserido. Conforme cita Junior (2018), o coachismo beira a uma ideologia pragmatista, positivista e reducionista, em que age de maneira irresponsável com o psiquismo humano.

Assim, seguindo o exemplo citado acima, percebe-se que, através de discursos sutilmente mandatórios, o imperativo superegóico se manifesta, ditando o que o sujeito deve fazer, sentir e pensar: que seu fracasso é sua responsabilidade. O sujeito, dentro dessa lógica, acaba por tentar seu máximo, “ultrapassar seus limites”, a fim de cumprir com as expectativas criadas pelo ideal social, mas o resultado acaba sendo sempre o mesmo, ele não consegue e se rende pro adocimento psíquico.

Isso, portanto, explicaria a falta de limites dentro de trabalhos informais, como ocorre no novo fenômeno chamado de “uberização do trabalho”, o qual consiste na venda de um serviço para alguém ou para alguma empresa de forma independente, sem o intermédio de um agente empregador. Dessa forma, esses trabalhos são realizados “por demanda”, ou seja, seu salário é instável pois depende de quantas “demandas” ele conseguirá responder. Esse novo modelo de trabalho se torna insustentável, pois não existe limite para o sujeito parar de trabalhar.

Conforme a publicação de uma matéria no veículo de transmissão “Tribuna do Norte”, em 2022, motoristas de aplicativo estão trabalhando mais de 12 horas para conseguir sobreviver. Com base nas entrevistas com os próprios motoristas, nota-se os relatos de exaustão física, mental, além de um aumento nos riscos durante seu trabalho, como acidentes, assaltos, entre outros. Conforme aponta uma pesquisa elaborada por Rodrigues e Albarello (2019), esse modelo de trabalho faz com que o sujeito tenha uma sensação de liberdade por poder escolher seus horários de trabalho, mas, na verdade, ele acaba por ter de trabalhar o dobro do tempo para conseguir uma recompensa financeira mínima. Assim, segundo a amostra da pesquisa, a maioria deles opta pela utilização de substâncias estimulantes, a fim de lidar com a maximização do desempenho.

Com isso, pode-se pensar que, o culto da performance, dentro de uma sociedade do espetáculo, está diretamente relacionado com um sintoma social de um sistema neoliberal, em que tem por objetivo causar o sofrimento psíquico, através da exaustão, hiper individualização

e maximização de produção. Dessa maneira, o sujeito está sempre em busca de um ego ideal coletivo, em que aparece na imagem de um herói, sendo aquele que “sucedeu” em sua performance. Assim, portanto, ele é constantemente violentado pelo seu próprio superego, através da auto-observação e auto-crítica, o que acaba por gerar um isolamento de si mesmo e fomenta a pulsão de morte e sensação de auto destrutividade. Isso é, portanto, evidenciado a partir de dados como o aumento de diagnósticos de SB, medicalização e suicídio nos ambientes de trabalho, tendo como fatores em comum a exaustão excessiva pelas demandas externas. Assim, compreende-se que, segundo Dunker, Safatle e Júnior (2021, p. 10), “nem todo sintoma faz sofrer, e nem toda forma de sofrimento é um sintoma. Determinar qual sofrimento é legítimo e qual não é, portanto, é uma questão não apenas clínica, mas também política.”

Considerações finais

O presente estudo possibilitou uma pesquisa bibliográfica a respeito da conceitualização do “culto à performance”, sua relação com o neoliberalismo e com um possível causador do adoecimento social e psíquico contemporâneo. Durante o estudo, compreendeu-se que o conceito de “performance” varia de acordo com o recorte histórico e cultural, tendo diferentes significados, como, por exemplo, no campo artístico, esportista e profissional.

Porém, tomou-se como prioridade analisar o conceito pelo viés profissional na época contemporânea, relacionado ao neoliberalismo. Assim, percebeu-se que o culto da performance está intimamente ligado ao discurso capitalista, em que, através do modelo econômico e político que prioriza a baixa intervenção estatal e livre concorrência, promove-se, também, a alta competitividade em outras esferas. Portanto, concluiu-se que o neoliberalismo não é somente uma filosofia econômica, mas sim, uma ideologia que promove padrões comportamentais, colocando o culto a alta performance como principal mecanismo de manejo.

Dessa maneira, conclui-se que existe um mal-estar generalizado na sociedade contemporânea, envolvendo ideais sociais inalcançáveis, nomeados no “culto da performance”, influenciando diretamente no desenvolvimento psíquico saudável. Assim, torna-se necessário encarar o neoliberalismo como principal constituinte do adoecimento social atual, impedindo a leitura crítica da natureza social de um sofrimento que é veiculado como individual.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. Considerações sobre o narcisismo. *Revista Estudos de Psicanálise*, Sergipe, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011#:~:text=Ser%20narcisista%20significa%20estar%20no,Narcisistas%20s%C3%A3o%20os%20outros. Acesso em: 9 jun. 2022.

ÁVILA, L.; TERRA, J. Histeria e somatização: o que mudou?. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, São Paulo, v. 59, n. 4, p. 333-340, mai. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/hH68rMvG9GqSbb6Q6DKLctw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2022.

CANDIOTTO, C. Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea. *Dissertatio*, Paraná, n. 41, p. 469-491, 2011.

CASTRO, F.; ROSA, B.; MARQUES, C. *Filosofia e psicanálise: psicopolítica e as patologias contemporâneas*. 2. ed. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2020.

CERQUEIRA, J. Uma visão do neoliberalismo: surgimento, atuação e perspectivas. *Revista Sitientibus*, Bahia, n. 39, p. 169-189, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://silo.tips/download/uma-visao-do-neoliberalismo-surgimento-atuacao-e-perspectivas>. Acesso em: 9 jun. 2022.

CORREA, P. et al. Aproximações entre o conceito freudiano de supereu e o conceito de imperativo categórico de Kant. *Analytica*, Minas Gerais, v. 4, n. 6, p. 53-88, jan. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v4n6/04.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

COUTO, L.; SILVA, L. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229016554007.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2022.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contratempo, 2007.

EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

FERRAZ, M. Mutações da subjetividade contemporânea: avaliação e performance. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 31-41, jan./jun. 2014.

FOLHA. Filhos de famílias pobres têm só 2,5% de chance de chegar ao topo no Brasil. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/filhos-de-familias-pobres-tem-so-25-de-chance-de-chegar-ao-topo-no-brasil.shtml>. Acesso em: 20 out. 2022.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu*. In: FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GLOBO. Quase metade dos brasileiros faz bicos para completar renda, diz pesquisa. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/24/quase-metade-dos-brasileiros-faz-bicos-para-completar-renda-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.



IBCCOACHING. O que é coaching de performance?. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching/o-que-e-coaching-de-performance/>. Acesso em: 12 out. 2022.

IBGE. Depressão aumenta 34% e atinge 16,3 milhões de brasileiros. *Portal R7*, 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/ibge-depressao-aumenta-34-e-atinge-163-milhoes-de-brasileiros-18112020>. Acesso em: 16 jun. 2022.

JUNIOR, R. *Mal-estar em tempos acelerados: performance, autonomia e sofrimento depressivo na contemporaneidade*. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

LABOISSIERE, P. No Dia Mundial da Saúde, a OMS alerta sobre depressão. *Revista HSC*, 2017. Disponível em: <http://www.revistahscsm.coc.fiocruz.br/no-dia-mundial-da-saude-oms-alerta-sobre-depressao/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20OMS,17%2C4%20milh%C3%B5es%20de%20casos>. Acesso em: 23 maio 2022.

LAENDER, N. A construção do conceito de superego em Freud. *Revista Reverso*, Belo Horizonte, v. 52, p. 63-68, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009#:~:text=Freud%20elabora%20a%20teoria%20do,e%2C%20algumas%20vezes%2C%20mortificado.. Acesso em: 20 maio 2022.

MACIEL, R. H. et al. *Assédio moral no trabalho: impactos sobre a saúde dos bancários e sua relação com gênero e raça*. Recife: Sindicato dos Bancários de Pernambuco/Contraf, 2006.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 26 maio 2022.

ROCHA, T. O culto da performance: o novo modelo de trabalho do século XXI. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 7, n. 1, p. 156-167, jan./jun. 2018. DOI: 10.29373/semaspas.unesp.v7.n1.jan/jun.2018.11330.

RODRIGUES, A. et al. Breves considerações sobre a realidade de motoristas de aplicativos. In: *Congresso de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social da Faculdade Processus*, 1., 2019, Brasília. *Anais...* Brasília: Faculdade Processus, 2019. p. 15-21. Disponível em: <https://periodicos.processus.com.br/index.php/acppds/article/view/149/147>. Acesso em: 8 set. 2022.

SAFATLE, F.; JUNIOR, N.; DUNKER, C. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Grupo Autêntica, 2021.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. *Fronteiras: estudos midiáticos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 353, set. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09>. Acesso em: 9 jun. 2022.

TRIBUNA DO NORTE. Motoristas de aplicativos passam a trabalhar até 12h. Natal, 2022. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/motoristas-de-aplicativo-passam-a-trabalhar-ata-12h/533933>. Acesso em: 5 out. 2022.

URSULA, N. Síndrome de burnout entra na lista de doenças da OMS. *PebMed*, 2019. Disponível em: <https://pebmed.com.br/sindrome-de-burnout-entra-na-lista-de-doencas-da-oms/#:~:text=Uma%20pesquisa%20realizada%20pela%20International,de%2033%20milh%C3%B5es%20de%20cidad%C3%A3os>. Acesso em: 16 jun. 2022.

WENDLING, C.; COELHO, R. Do “não ceder de seu desejo” ao “bem-dizer o desejo”: considerações acerca da ética em Lacan. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 139-145, jan. 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Depression. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>. Acesso em: 13 out. 2022.